

# MAGDA SZABÓ

## A BALADA DE IZA

«Uma escrita melancólica,  
delicada como a graça.»

*Lire*



cavalo de ferro

I

TERRA

# 1

A notícia chegou de manhã, enquanto ela torrava o pão sobre as brasas.

Há três anos, Iza tinha-lhes oferecido um engenhoso aparelhinho, que, entre filamentos eléctricos incandescentes, dourava as fatias num instante. A velhota tinha-o virado e revirado entre as mãos antes de o tornar a pôr, com caixa e tudo, no fundo do armário da cozinha, de onde nunca mais voltou a tirá-lo. Desconfiava de máquinas. Na realidade, nem sequer confiava em coisas tão simples e quotidianas como a electricidade. Se um curto-circuito ou uma tempestade cortava por umas horas a corrente, pegava no candelabro de cobre de dois braços, que tinha sempre velas por precaução, e transportava-o da cozinha para o quarto, atravessando o corredor com passinhos curtos, segurando acima da cabeça aqueles raminhos flamejantes como um velho e pachorrento cervo ostenta a sua armação. Nunca seria capaz de se adaptar à torradeira eléctrica, pois iria sentir falta de se agachar diante do fogo, a ouvir o fascinante crepitar das brasas, misterioso como se viesse de um ser vivo. As alterações contínuas da cor das brasas criavam um ambiente peculiar na habitação e ela nunca se sentia só junto ao lume aceso, mesmo quando não havia mais ninguém em casa.

Quando Antal tocou à campainha, estava de cócoras em cima do seu banquinho, diante da porta aberta da salamandra. Meio

atarantada, não sabia onde deixar o minúsculo espeto que estava a utilizar para torrar o pão e resolveu levá-lo consigo, quando foi abrir a porta. Ao entrar, Antal olhou para ela em silêncio, em seguida agarrou-a pelo braço, e o seu gesto desajeitado revelou imediatamente aquilo que não queria dizer-lhe. Os olhos da velhinha encheram-se de lágrimas; contudo, como se uma força sobrenatural as tivesse retido nas pálpebras, elas não chegaram a brotar. Por cortesia, instintiva ou de educação, mais do que por qualquer outro reflexo, forçou-se a dizer: «Obrigada, filho.»

Dirigiram-se à sala do fundo da casa, onde se encontrava o fogo. Ao entrarem na divisão, a velha sentou-se novamente no banquinho, e Antal colocou as mãos por cima do fogão para as aquecer. Sem dizer uma palavra, entenderam-se perfeitamente. «Tenho de suportar a dor», pensava a velha, «amo-o tanto!». «Vai aguentar-se, temos tempo», pensava Antal, «não faria nenhum sentido ir para lá. Desde esta madrugada que a pessoa que conhecia já não existe. Mas vou levá-la até lá, porque tem direito a ver o que resta dele».

Quando, por fim, se levantaram, a velha colocou o saco das compras no braço. Iam sempre à clínica com esse saco, no qual levava tudo o que Vince tinha pedido, ou aquilo que ela considerava necessário levar: lenços, biscoitos, limões. As brilhantes bolas amarelas reluziam através da rede do saco. «Pobre boa-fé», pensou o médico, «ela acredita que pode fazer milagres com estes três miseráveis limões, mostrando à morte que não a teme. Acredita que, levando esses limões, encontrará Vince ainda com vida».

De noite, formara-se uma leve geada, e as escadas estavam escorregadias; a velhota não lhes tinha deitado sal em cima desde o dia anterior. Antal segurou-a pelo braço, para a ajudar a descer. A porta do barracão da lenha estava aberta; junto à entrada,

salientava-se um pequeno monte de neve lamacenta, como se fosse um parapeito, e atrás surgia a figura de *Kapitány*. Ouvia-o remover a palha à sua volta, destruindo assim a cama. A velhota desviou o olhar do barracão, sentiu o braço mais rígido e a respiração mais acelerada. «Certamente que ela viu *Kapitány*», pensou o médico, «mas está a fingir que não o vê. *Kapitány* é preto. Neste momento, ela não devia ver nada preto, só branco».

Depois de fechar o portão, dirigiram-se à praça de táxis. Kolman, o merceeiro, seguiu-os com o olhar através do vidro da porta da sua loja. «Passa pouco das sete», constatou ele, «o velhinho deve estar à beira da morte. Que pena! Era uma pessoa tão calma, tão paciente, cedia sempre a vez a toda a gente na fila, tanto aos homens como às crianças, era o último a dar-me a leiteira. As meninas adoravam-no por lhes trazer flores do seu jardim no Verão e, quando chegava o frio, abóbora assada e chá. Então, esse coitadinho também se vai. A filha vai chorar por ele; segundo o carteiro, todos os meses lhe enviava um dinheirão de Budapeste. Onde meteu Antal a cabeça quando decidiu divorciar-se dela? Esse também não é má pessoa, os seus pacientes falam bem dele».

Ao entrar no táxi, em frente da pastelaria, a velha pensou também em Iza.

– O pai tem cancro – dissera-lhe ela, num tom estranhamente neutro, quando três meses antes viera rapidamente da capital para ver o que se passava com o pai. Na casa de banho, a jovem esfregava as mãos em movimentos lentos e pausados, hábito adquirido ainda nos tempos de estudante de Medicina.

Ao sentir o mundo escurecer à sua frente, a velhota, de repente, procurou apoio na borda da banheira e, para não cair, agarrou-se à torneira da água quente. Mas, passado pouco tempo, levantou-se e dirigiu-se à entrada, pois ouvira a voz de Vince.

– Que fazem vocês aí escondidas? – perguntava ele, um pouco enervado.

A mulher, horrorizada, fixava os olhos nele, com a mesma expressão de repulsa com que se olha para um corpo em processo de decomposição. Não lhe veio nada à cabeça, por isso não respondeu. Iza veio socorrê-la e apareceu por detrás, apontando os dedos brancos e finos ao nariz do velho.

– Nem toda a gente é tão cusca como o senhor – disse ela, e o pálido rosto de Vince encheu-se de vida. «Cusca» era algo que Iza, a pequena Iza choramingando e de nariz brilhante, costumava dizer. – Há gente que lava as mãos várias vezes por dia, como eu – continuou a rapariga –, mas agora é melhor entrar no quarto para não apanhar frio. Se eu tivesse tão pouco suco gástrico como o senhor, tomava pepsina em vez de me pôr a inventar.

A velhota sabia que Vince suspeitava de algo. Desde que começara a sentir aquelas dores atrozes, estranhas, e a perder peso, arrebitava sempre a orelha, desconfiado, tentando apanhar algum fragmento de conversa para conseguir entender por que razão estava cada vez mais debilitado e qual era a explicação para essa terrível e lacerante dor que sentia cada vez com mais frequência. «Eu não conseguiria repreendê-lo assim», pensou a velha, e, apesar do seu desespero, sentiu-se orgulhosa por Iza ser capaz de o fazer.

– Mãe, acompanha-me à pastelaria, vamos tomar um café. O senhor não quer vir connosco?

Vince começou a rir, olhando satisfeito para as suas pernas magras: «Ainda acham que posso ir aos bares...» Abanou a cabeça, dizendo que não. Iza encolheu os ombros e ripostou:

– Pior para si; de qualquer maneira só iria olhar para as raparigas.

Pegou no casaco e, como sempre fazia, desde criança, quando saía de casa, deu uma turra na fronte formosa e redonda do pai.

– Enquanto estivermos fora, não se atreva a enganar a mãe.

Vince abanou maliciosamente a cabeça. Os seus olhos estavam tão diferentes que a velhota não os reconhecia, e às vezes perguntava-se, admirada, como se produzira aquela mudança, por que razão estavam agora mais pequenos e, ao mesmo tempo, mais alongados e ternos, subitamente readquirindo vivacidade.

Vince adorava Iza; os diálogos entre os dois estavam sempre repletos de gracejos e não tinham nada que ver com as conversas normais entre pai e filha. Eram amistosos, fraternais, cúmplices e sabe-se lá mais o quê.

Na pastelaria, nenhuma delas tocou no café. Absortas, olhavam para os copos cobertos de vapor, contemplando-os e mexendo-os apenas com as pontas dos dedos. O rosto de Iza estava pálido.

– O pai tem pouco mais de três meses de vida – disse. – Antal vai tratar dos medicamentos. Deixo-te dinheiro para lhe comprares tudo o que quiser, por mais abstruso que seja. Não poupes em nada, mãe.

Ouvia-se uma música de fundo. De repente, a velhota teve a sensação de que ela e a filha eram carrascos a planear, ali, na sombra das cortinas roxas, um acto terrível. Saber que, dentro de três meses, Vince já não existiria, tornava-o, aos seus olhos, um homem condenado à morte a quem acabaram de comunicar a hora da execução. Não se atreveu a perguntar se o diagnóstico de Dekker era fiável ou não: sabia por Iza e também por Antal que o professor não costumava enganar-se. A música começou a tocar ainda mais alto; num cantinho, um casal de namorados entreolhava-se. A empregada, entretanto, perguntou à velhinha se desejava nata no café. Iza respondeu por ela que sim.

A nata estava muito espessa, demasiado doce. Ao pô-la no café, deixou-a cair e, envergonhada, esfregou cuidadosamente a toalha.

– Vais precisar de recuperar as forças – disse a filha. – Vou-te explicar o que vai acontecer a partir de agora.

De início, esforçou-se por prestar atenção, mas depois pensou que Vince só viveria pouco mais de noventa dias. A dada altura, deixou de ouvir a filha e as suas lágrimas mal a deixavam ver as cortinas roxas da pastelaria.

– Mãe – disse Iza –, temos muito pouco tempo e muito que conversar.

Quando dava instruções, Iza sempre falava em tom sério e calmo. A velhota tinha vontade de soltar um grito, mandar a nata pelos ares. Mas obviamente não o fez, não tinha forças, nem sequer se atreveria a tal coisa; sentira apenas um impulso passageiro. Não costumava ter crises de histerismo. Por fim, perguntou:

– Voltas para casa, não voltas?

Olhou para a filha, suplicando, implorando a Deus, rezando interiormente com palavras confusas e incoerentes para que voltasse para casa com ela, ficasse ao seu lado e não a deixasse sozinha com um moribundo. Iza, além de ser sua filha, era médica e ajudava-a sempre em tudo. A jovem engoliu a saliva com esforço, como se o café, que acabara de tocar com os lábios, tivesse adquirido uma consistência sólida, e disse:

– Não posso.

A velhota entendeu os seus argumentos; sabia que tinha razão. Se tirasse férias e viesse mais vezes do que o habitual, Vince estranharia, procuraria explicação para as visitas da filha, acabando por adivinhar uma realidade que não deveria conhecer. Iza visitava-os sempre uma vez por mês, em datas fixas; vinha para uma festa ou para celebrar o aniversário de casamento dos pais. Iza não podia vir em qualquer altura, e ela ficaria sozinha com Vince e o terrível segredo da sua morte anunciada. A promessa de



Iza, de que Antal lá estaria para os ajudar, não lhe oferecia nenhum alívio. Antal não era Iza.

Desatou a chorar; sentia que, na mesa ao lado, estavam a olhar para ela. Iza não tentou acalmá-la, pôs a sua mão, fria e sem aliança, em cima da da mãe.

O táxi avançava entre os plátanos desnudos. Na rua Sándor, um grande cartaz meio solto anunciava uma festa dançante. Ao ouvir o suspiro da velhota, Antal, sentado no assento ao lado do motorista, virou-se para trás. Ela não lhe devolveu o olhar, tossiu e virou a cara de lado, e começou a observar a rua e a alameda, onde os corvos estavam a alisar as suas plumagens. Antal tratava bem dela e também de Vince, e tempos houvera em que gostavam muito do genro. Mas Antal tinha deixado Iza, e isso não se podia esquecer nem perdoar.

No corredor, um calor confortável emanava dos aquecedores. O ar estava seco, cheirava a esfregona. Ficou contente por o porteiro lhes ter aberto a porta do elevador, sobretudo naquele momento de desalento, porque o sorriso do homem representava para ela a protecção conjunta de Iza e Antal. Mandaram-na sentar-se na sala de espera, enquanto Antal foi à procura do professor; era o último ano de Dekker na clínica. Com um gesto maquinal, ela tirou os lenços e os limões do saco, e voltou a pô-los lá dentro. Não lhe agradava a ideia de ser obrigada a falar com um estranho, mas fez um esforço; sabia que aquilo não passava de uma formalidade, pois o tratamento gentil que recebia na clínica não tinha que ver com ela nem com Vince, mas com Iza.

No fundo, não acreditava que tudo tivesse acabado, como Antal dizia. Mas quando Dekker apareceu no corredor e se aproximou

dela, sentiu o saco puxar-lhe o braço para baixo, como se, em vez de limões, contivesse chumbo. Dekker era o director da clínica, e o seu rosto já reflectia as futuras respostas dadas às perguntas impronunciáveis e aterradoras da mulher.

Mais tarde, Iza quis saber do que falaram. A velha procurou as palavras na sua memória, tentou reproduzir as frases, mas em vão. Só era capaz de evocar o toque da mão de Dekker no seu ombro, tendo-se afastado para evitar esses dedos benevolentes quando se sentiu invadida por uma forte amargura selvagem, uma antipatia violenta e exasperada; e esse médico, que durante os últimos três meses mexera terra e céu por Vince, que até teria vendido a sua alma para poder salvá-lo, tinha nela o efeito de um assassino. Aquele homem tinha a mesma idade do marido. Como era possível estar de tão boa saúde?

Ao entrar no quarto privado, parou de repente.

Antal tinha-lhe dito que Vince estava inconsciente desde madrugada e que seguramente não voltaria a acordar. Mas talvez ele recuperasse a consciência se ela se aproximasse da cama dele. Era impossível que quarenta e nove anos de vida passada em união física e espiritual não triunfassem sobre a morte. Mas que aconteceria se ele, ao sentir a sua presença, começasse a falar no seu tom manso e infantil, exigindo-lhe explicações para o seu sofrimento, para a vida que lhe escapava? Que aconteceria se, nas suas últimas horas, descobrisse a verdade terrível e desatasse a chorar, como sucedera naquela noite, tinha ele vinte e poucos anos, depois de ter perdido o emprego, quando aparecera em camisa de noite junto à sua cama a dizer-lhe entre lágrimas: «Etelka, ajuda-me.» Que aconteceria se voltasse a pedir apoio, sabendo que já não havia esperança, e suplicasse por essa coisa impossível, pela vida? Vince amava a vida, mesmo quando fora pobre, estivera desempregado ou miseravelmente doente. Considerava

sempre a mera existência como o maior dom da natureza: estar na terra, acordar de manhã, deitar-se à noite, soprasse o vento, brilhasse o sol ou caísse a chuva, suave ou torrencial. Pois bem, mentir-lhe-ia uma última vez, como lhe mentira sem cessar nesses últimos meses. Para a velhota era mais horrível ver Vince partir sem se despedir dela do que tornar a enfrentar aquele olhar aterrorizado, do que vê-lo sair do seu mutismo doloroso e do torpor causado pelos medicamentos e ser obrigada a ouvir as suas acusações e queixas.

Quando entraram no quarto, Antal atirou o casaco para cima de uma cadeira, e a velhota só nesse momento se deu conta de que não usava bata. Assim não parecia médico, apenas um membro da família, mas isso já ele deixara de ser há vários anos.

Depois viu Lídia. Ao ouvir o ruído da porta, a enfermeira, sentada junto da cama, virou-se e a seguir levantou-se, alisando o avental. Não os cumprimentou em voz alta, inclinou apenas a cabeça, e esse gesto foi a única coisa natural naquele ambiente alterado. Endireitou a manta de Vince e saiu logo depois, sem lançar um olhar para o moribundo. «Que estranho», pensou a velhota, «há semanas que ela passa o tempo todo com Vince e consegue sair assim, sem lágrimas nos olhos, sem mostrar a mínima compaixão. Será possível habituar-se de tal maneira à morte?»

Apesar de ter perdido a consciência, Vince não parecia inanimado, apenas adormecido. A pele esticada da fronte brilhava num tom prateado. Desde o dia anterior, o seu nariz crescera um pouco, e a marca roxa em forma de meia-lua entre os olhos, deixada pelos óculos, desaparecera. Olhou para ele com mais atenção e reparou que não era o nariz que tinha crescido, mas o rosto que diminuiria. «Abandonou-me», pensou a velha, «não esperou por mim. Durante quarenta e nove anos conheci bem todos os seus pensamentos. Agora não sei o que vai levar com ele. Abandonou-me».

Baixou-se lentamente junto ao marido e continuou a observá-lo.

Durante meses, cuidara dele até à exaustão, mas apesar disso não se sentia cansada; seria capaz de levá-lo novamente para casa e fazer tudo outra vez, mesmo neste estado, com a sua triste camisa aberta, deixando ver o seu peito estranhamente sobressaído. Talvez conseguisse levá-lo nos braços. Que pouco restara daquele corpo! Não devia ter deixado que o levassem para a clínica; Iza tomou essa decisão com a melhor das intenções, pois queria o melhor para os dois, mas não o devia ter feito. Talvez ele vivesse mais tempo se tivesse continuado ao seu lado durante essas semanas. Aqui, Lídia cuidava dele; era ela quem mudava a roupa de cama duas vezes por dia, quem fazia tudo por ele. Era eficaz, paciente, amável, mas saberia ela brincar com ele para o obrigar a comer ou conseguiria enganá-lo, dizendo-lhe que não tinha nada de grave, que só era velho? Será que conseguiria acalmar a sua mente inquieta? Não devia ter deixado que ele viesse para ali. Agora partia assim, inconsciente, sem dizer adeus. Inclinou-se sobre ele e beijou-o. A fronte de Vince estava seca e cheirava a medicamentos. Sentou-se ao seu lado e agarrou-lhe na mão.

Por volta do meio-dia, Dekker, acompanhado por Lídia, passou pelo quarto. Antal não estava lá; ela nem se apercebera de que ele saíra. O professor não se demorou muito, e ela pensava que Lídia se iria embora com ele, mas a rapariga ficou, dirigiu-se para a janela e, dali, continuou a observá-los. A velhota sentia-se incomodada perante o olhar da estranha; virou costas à enfermeira e, sem a ver, esqueceu-se da sua presença. A única parte viva de Vince era o cabelo, a juba branca, as madeixas rebeldes. Não sentia cansaço, nem fome e nem sequer percebia o passar do tempo; só endireitava as costas encurvadas quando sentia que lhe doíam. Durante a tarde, Vince voltou a falar.

Quando o ouviu, o seu coração quase parou. Até então um silêncio profundo e impenetrável, um silêncio austero, que o mínimo som teria perturbado, pesara sobre o quarto. Ao falar, o corpo de Vince estremeceu, as suas pálpebras fechadas começaram a tremer. Ela inclinou-se sobre os lábios do seu homem para escutar os sussurros. Lídia também se aproximou; ambas o espreitaram de orelhas arrebidadas, mas, ao ver o rosto da jovem por perto, a velhota tornou a sentir raiva e hostilidade. Nesse momento odiava Lídia, considerava-a uma intrusa, uma desalmada. Antal e Dekker tinham saído; esses, pelo menos, foram discretos. Porque está esta aqui a espiar? Ainda por cima, parece surda. Não está a ouvir que ele quer água? Porque continua assim parada? Está ali plantada, não se mexe, só olha para Vince... Teve de ser ela a ir buscar o copo de cima da mesa-de-cabeceira, de onde alguém tirara todos os pertences dele: os óculos, a caneca e o lápis pequeno. Mas, no fundo, estava contente por a enfermeira não saber o que fazer; só ela entendia as palavras de Vince. Só ela sabia o que ele desejava, era ela quem lhe dava de beber, e assim ainda podia fazer alguma coisa por ele. Levantou a cabeça de Vince e colocou-lhe o copo junto dos lábios.

A boca não se abriu, e um esgar de repugnância apareceu-lhe no rosto. Vince não quis beber.

— Não tem sede — sussurrou Lídia. — Não o obrigue a beber.

Estava com vontade de lhe dar dois estalos. «Aqui está ela, parecida com uma estátua, sem fazer nada, só a dar ordens e, ainda por cima, quer tirar-me o copo da mão. Novamente esta respiração esquisita, este ligeiro assobiar. Mas porque não quer beber, se pediu água?»

— Estou aqui — disse Lídia em voz alta.

Primeiro pensou que falava com ela e ficou ainda mais irritada. Depois percebeu que Lídia não olhava para ela, mas para Vince.

Os lábios do homem voltaram a mexer-se; viu algo que lhe fez lembrar o seu antigo sorriso e que, fugazmente, iluminou o seu rosto, mas que logo a seguir desapareceu. Lídia pôs-se de cócoras no lado oposto da cama e agarrou a mão de Vince.

A velhota sentia-se frustrada, enganada. Fixou o olhar em Lídia, nesse rosto estranho, completamente desconhecido, que irradiava uma sabedoria indecifrável. De repente sentiu-se invadida por um sentimento de ódio feroz, como se a visse pela primeira vez. Aquela ladra roubava-lhe os últimos minutos de Vince. Foi escolhida por Antal, ele é que a levou para junto do doente. Iza não teria feito isso. Agora estava ali, de cócoras, agarrando a mão de Vince. Ela não lhe era nada, era uma estranha.

– Durma tranquilo – disse Lídia. – Estou aqui.

A velhota voltou a sentar-se na cama, tremendo duma tal raiva que já nem sentia dor. Pegou na outra mão de Vince, cujo corpo inerte estava amparado de cada lado pelas duas mulheres. Vince não voltou a falar e a sua respiração mal se ouvia. Lídia continuava de cócoras. Agora não se via o seu rosto, porque estava pousado sobre a mão de Vince.

Lá fora, a luz de Março empalidecia através das árvores. A velhota fechou as pálpebras e endireitou as costas. Depois reparou que Lídia se levantou. Vince jazia como antes, mas mais silencioso ainda.

– Está morto – disse Lídia. – Não queria água, estava a chamar pela filha. Disse «Iza». Vou avisar o doutor Antal.

## 2

Antal acompanhou a velhota até ao carro, que estava estacionado em frente da unidade de medicina interna. Ela demorou algum tempo a compreender que iria de táxi para casa, por ordem de Dekker. Começou a abanar a cabeça, assustada: não, não, está fora de questão. Estava completamente fora de questão ir de carro para casa, como se fosse convidada para um casamento. Iria atravessar o bosque e, no lado oposto do parque, apanharia o eléctrico. Ou, melhor ainda, poderia ir a pé. Estava com vontade de caminhar, mexer-se um pouco. Antal, por cima do ombro, lançou um olhar em direcção à cabina do porteiro, como se pretendesse vestir uma bata de hospital que lá estava pendurada num gancho e, a seguir, ir levar a velhota. Não era preciso acompanhá-la, preferia ir sozinha. Não lhe iria acontecer nada no caminho, não valia a pena preocupar-se com ela. Agradecia-lhe por tudo, a ele e a Dekker.

Antal pediu-lhe para, ao menos, deixar com ele o saco. Para quê? Não pesava nada. Mas, como o médico insistia em que não fosse sozinha, ela virou-se e foi-se embora, sem se despedir dele. Sabia que estava a ser mal-agradecida e mal-educada, mas também tinha a noção de que, se continuasse ali, perderia as forças. Antal gritou algo sobre Iza e uma chamada telefónica, mas ela já não ouvia bem as palavras dele. «Por amor de Deus, deixem-me em paz de uma vez por todas.»

O parque parecia-lhe arrepiante, quase hostil, como se estivesse a ceder à Primavera contra vontade; viam-se, cá e lá, pequenos montes de neve. Era um bosque de bétulas, onde as árvores se alinhavam com os esbeltos troncos brancos curvados pelo vento. À volta do lago, os salgueiros já estavam a florescer. Não era um Março ameno, antes bem agreste. O céu estava encoberto, escuro, parecia o céu de Sexta-Feira Santa com ameaça de tempestade, e os rebentos dos ramos, com os seus tons esverdeados e arroxeados semelhantes a carne podre, não transmitiam esperança. Em cima da colina, erguiam-se três abetos velhos e descascados, que escondiam entre os ramos as pinhas do ano anterior. Nas veredas, as poças formadas pelas marcas dos pés estavam cobertas por uma fina camada de gelo.

Uma ponte levava à ilha do lago artificial; quando se aproximou, hesitou por um momento, mas depois atravessou-a com passos vacilantes. Do lado de lá, via-se bem a chaminé da clínica, que lançava contra o céu cor de ferro um fumo denso, com um fantástico tom branco que parecia algodão. Também se via o tímpano do edifício, com as suas figuras mitológicas estranhamente contorcidas, entre as quais pombos procuravam refúgio. Sentou-se num banco e observou a água.

As bordas do lago ainda estavam geladas, mas a água já começava a mostrar sinais de vida. Não via os peixes, apenas adivinhava os seus movimentos quando inesperadamente rompiam a superfície nalgum ponto do lago, criando pequenas ondas concêntricas. A água estava povoada por carpas castanhas, sempre esfomeadas. Durante a infância de Iza, no Verão, vinham observá-las com frequência; às vezes davam-lhes comida, e era divertido ver como lutavam por cada bocado. Agora não se via o fundo e, nas encostas nuas do lago, estendia-se a relva escassa do ano anterior.



Os fetos, com folhas grandes mas pouco verdes, nem por um instante paravam de se mexer. «Que vai ser de mim sozinha?», pensava a velhota.

Em cima da ponte, ressoavam os passos e os gritos alegres de crianças que atiravam pedras para a água. Depois os miúdos foram-se embora, batendo os pés no chão na sua corrida em direcção ao teatro ao ar livre. As arquibancadas ainda não tinham sido montadas, e as bases de pedra, sobre as quais, no Verão, eram instalados assentos de madeira pintados de vermelho, apresentavam, nessa tarde, a nudez e a rigidez de lápides tumulares. Reparando nisso, levantou-se e virou-se de costas para a colina que acolhia o teatro. Bruscamente o saco começou a parecer-lhe pesado, ridícula e insuportavelmente pesado. Tirou um lenço para limpar as lágrimas, em seguida voltou a pô-lo, amachucado, no saco. As bossas redondas dos limões sobressaíam na rede. Tirou os três globos, passou alguns minutos a olhar para eles, depois rodou-os nas mãos e resolveu atirá-los para a neve.

Para regressar à cidade a pé, o caminho mais curto passava pelo novo bairro social. No ano anterior, depois de as barracas de madeira com cobertura de cartão alcatroado, que pareciam pocilgas, terem sido demolidas, sentia-se tristeza pelo desaparecimento da antiga zona de bairros de lata entre o largo Salétrom e o Barranco de Bálsamo. Quando ela e Vince passaram por ali para se despedirem do local, uma das testemunhas da sua juventude, os seus sapatos afundaram-se na areia fina da ruazinha a que o povo, por qualquer razão misteriosa, chamava «Vau». Iza ficara em casa, e ela não quis contar-lhe por onde tinham passado, mas Vince, incapaz de manter segredos, revelou-lho logo ao chegar. Iza, endireitando o corpo esbelto, fez um gesto de desprezo com a mão:

– Querem fazer a roda do tempo andar para trás – disse ela. – Dois velhinhos retrógrados.

A sua voz não era severa, mas também não estava a brincar: Iza sempre pensava seriamente no que dizia. Vince sentiu-se confuso, envergonhado, e murmurou algo sobre o Barranco de Bálsamo e o poço artesiano.

– Barranco de Bálsamo – repetiu Iza, como se aquelas palavras a irritassem particularmente. – O Barranco de Bálsamo. Porque não fala da fábrica dos produtos farmacêuticos? Barranco de Bálsamo. Olhe para as estatísticas e vai ver que, nessa zona, quase toda a gente tinha tuberculose.

A velhota estava na cozinha a barrar pão com manteiga e sentia-se também envergonhada por terem lamentado o Barranco de Bálsamo. Vince juntou-se a ela, fingindo estar ocupado com alguma coisa; evitaram olhar um para outro. Mas, pouco depois, começou a cantarolar; a sua voz bonita conservava o mesmo timbre caloroso. Era uma canção que tinha aprendido ainda no coro do colégio: *Branca como a neve e pálidas as mãos...* Começaram a rir, porque a pequenina Iza levava sempre as letras a sério, e, à frente dela, não se podia cantar canções tristes, como, por exemplo, essa que implorava que a menina pálida ficasse curada. Vince deu um beijo no rosto da mulher, inclinada sobre as fatias de pão. Antigamente, quando estavam noivos, iam até ao Barranco de Bálsamo para poderem beijar-se tranquilamente sem se encontrarem com alguém conhecido. Iza, ao abrir a porta, surpreendeu-os, e eles afastaram-se de imediato.

– Estou a ver – disse ela, rindo. – Na próxima vez, antes de entrar, vou bater à porta.

Agora, ao chegar à esquina onde fora outrora o largo Salétrom, parou. Há seis meses que não passava por ali, pelo que tinha de ver

bem por onde atravessar; o terreno fora recentemente escavado para os alicerces dos prédios novos. A zona estava muito diferente. Sem barracas, lembrava mais uma paisagem típica da Grande Planície. Apenas o poço estava igual; caminhões ronronavam à sua volta e, atrás deles, uma máquina de pescoço comprido trabalhava, sibilando. Por volta dessa hora, acabava o dia de trabalho dos operários; depois do toque da sirene, ouviam-se alguns gritos. Ela avançava tropeçando entre os torrões de terra, e alguém a agarrou pelo braço para a ajudar a passar por uma tábua instável.

– Porque não dá a volta pelo outro lado? – perguntou um jovem. – Não vê que está escrito «Obras»?

– Não reparei – gaguejou ela, e acelerou o passo.

Ao virar a esquina, viu de longe a abundante hera verde que trepava pela cerca do seu jardim.

Quando Vince fora reabilitado, e lhe pagaram os salários retidos durante vinte e três anos, ambos sabiam, sem tocar no assunto, que o período da sua vida na rua Darabont chegara ao fim. O dinheiro fora enviado no Inverno de 1946. Iza já estudava na faculdade, e, quando receberam a carta, só os dois estavam em casa. Vince não disse nada, ofereceu um cigarro ao carteiro e logo depois foi para o jardim tal como estava, sem casaco nem cachecol, de cabeça descoberta. Ela seguiu-o para lhe levar o gorro, mas não se atreveu a aproximar-se muito; parou no topo da escada. Viu que Vince se dirigia a passo lento para a pocilga de um dos vizinhos; apoiou-se nas ripas da vedação e olhou para o interior como se a manjedoura ou a bacia de água tivessem alguma coisa extraordinária. Sabia o que ele sentia e não queria incomodá-lo: limitou-se a observá-lo da entrada. Vince estava inclinado sobre as ripas da vedação, e ela

reparou que ficara muito encurvado durante aqueles anos, mais do que o normal para a sua idade.

Começou a nevar e os flocos pousaram em cima do abundante cabelo de Vince. O vizinho atravessou o pátio, fazendo muito barulho com o seu saco de lixo. Depois da reabilitação, obviamente, tornara a cumprimentá-lo. Vince virou-se, abraçou com o olhar o pátio desolado, as pocilgas, as capoeiras do vizinho e o seu único e miserável canteiro, onde as flores, picotadas pelas galinhas, nunca chegavam a florescer, e esse olhar já esboçava a visão da sua futura casa.

Nesse preciso momento, reparou que ela estava lá, parada no topo da escada, a observá-lo. Soprou os dedos como se acabasse de notar o frio, em seguida chegou-se a ela e abraçou-a. Ao soltar-se dos braços dele, viu que os olhos cândidos de Vince estavam cheios de lágrimas.

Nesse dia, Iza voltou para casa tarde. Apesar de a reabilitação ter sido ideia sua e ter sido ela a redigir a carta da solicitação, Vince não lhe contou nada: pôs o aviso debaixo do prato da rapariga. Iza releu a carta várias vezes, acenando com a cabeça e sorrindo, e depois disse: «Estão a ver!» Vince repetiu: «Estão a ver!» A mãe olhava para eles, atenta à maneira como pronunciavam repetidamente aquela frase «Estão a ver». Essas palavras ridículas ocultavam vinte e três anos de humilhação, pessoas que lhes tinham virado a cara, visitas às casas de penhores, roupas compradas em segunda mão; a vida toda passada na rua Darabont.

— Estão a ser construídos condomínios junto ao bosque do vi-doeiro — disse Iza, enquanto comia as batatas fritas. — Pisos com aquecimento de ar quente.

Vince sorriu, meneou a cabeça e, depois de um longo silêncio, disse:

– Eu quero viver numa casa de verdade.

– Muito bem – disse Iza, e pousou o garfo de sobremesa em cima da mesa. – Arrende então uma cova e forre-a com peles de urso. Meu Deus, velhos como o senhor são impossíveis!

No vocabulário de Vince, «viver numa casa de verdade» significava ter uma casa a que pudesse chamar sua, uma casa com jardim, onde crescessem flores, árvores e arbustos, onde pudesse ter animais e um sótão à sua inteira disposição. Vince tinha nascido no campo e só depois de entrar para o liceu começara a viver na cidade. Estava convencido de que a água do poço sabia melhor do que a da torneira. Iza acompanhou-o durante três semanas, percorrendo todas as ruas da cidade, até conseguirem encontrar esta casa. Mal viu as janelas e a enorme cerca, Vince apertou o braço da filha, dizendo-lhe: «É esta.» Era a altura do degelo, e, junto da porta de entrada pintada de castanho, viram o tubo de queda cuspir a neve derretida. Esse tubo terminava em forma de cabeça de dragão, da qual a água corria até aos seus pés. A casa tinha três assoalhadas, duas pequenas e uma maior; no jardim, um carreiro de tijolos conduzia ao barracão da lenha, e os canteiros estavam bordejados por plátanos; a porta arqueada da entrada formava, com o alpendre abobadado, uma espécie de pequena sala fechada em três lados. Quando a casa foi expropriada pelo Estado, Vince escondeu-se no barracão da lenha a chorar, não queria o consolo de ninguém. Por sorte, viveu o suficiente até a casa lhe ser devolvida: apesar de a sua saúde estar já debilitada, como estava contente, transbordando felicidade!

– Velho capitalista – disse Iza, rindo –, sente-se feliz por o seu nome voltar a aparecer no registo de propriedade.

Iza não gostava daquela casa; durante os quatro anos do seu casamento ocupara uma das assoalhadas com Antal. Depois do

divórcio, nunca mais pernoitara na casa dos pais. Não lhes dava explicações, mas a velhota sabia que aquele quarto lhe fazia lembrar Antal e que a filha detestava recordações.

Como será viver entre aquelas paredes a partir de agora?

Para a velhota, a casa pertencia a Vince; apesar de estar em nome dos dois, nunca a considerara propriedade sua. Fora comprada com o dinheiro da reabilitação do marido, a custo das humilhações recorrentes e dos terríveis anos vividos. Fora ele a sofrer pela casa, o seu maior orgulho além de Iza, a razão de toda a sua existência. O melhor seria enterrá-lo ali, no jardim. Que seria dela sozinha naquela casa? Não teria outra companhia senão *Kapitány!* Iza viria ainda com menos frequência, pois já não se festejaria nem o aniversário nem a festa do pai, tampouco os do casamento. Procurar um hóspede? Mas quem poderia calhar-lhe? E se quem viesse fosse como o vizinho da rua Darabont? Ou uma velha tonta e chata como ela mesma? Incomodá-la-ia, mesmo se fosse atenta e bem-educada. Que fazer?

Não tinha combinado nada com Iza.

Há três semanas, quando chegara inesperadamente e pedira a Antal para levar o seu pai à clínica, Iza tinha querido falar do assunto, mas ela fugira e fechara-se na despensa, porque assim ditava a superstição. Na casa da tia Emma tinha aprendido que nunca se devia nomear aquilo que nos ameaça, visto que somos observados por três anjos, dois brancos e um preto, e se esse preto, o mau, nos ouvir falar daquilo que provoca medo, ou se adivinhar o motivo desse medo, lançará sobre nós o mal impensadamente pronunciado.

– Nunca conheci uma mitologia tão mal-intencionada como a cristã – disse Iza certa vez, indignada por a mãe lhe pedir para não brincar com a ideia de chumbar no exame. (Nunca chumbara,

apenas encarava ansiosa essa hipótese, como a maior parte dos bons alunos.)

Mas tinha de haver um fundo de verdade na ideia daquele anjo mau. Não fora esse a perceber tudo, quando Vince se sentiu mal pela primeira vez? Quando a dor começou a atenuar, Vince estendeu-se na cama, fazendo estalar os ossos, e depois disse em tom de gozo: «Tenho um cancro!» Ela, horrorizada, bateu-lhe na boca. Vince continuava a rir docemente, sem lhe ocorrer que tinha acertado em cheio. «Comi demais; dá-me um purgante», pediu ele.

Há três semanas, fechara-se na despensa para que Iza não lhe falasse de nenhum assunto relacionado com a morte de Vince. A filha não insistiu e ainda se pôs a arrumar a cozinha durante algum tempo, mas acabou por se ir embora, deixando-a sozinha. A velhota sabia que a filha queria o seu bem, que tratava de tudo para ela não se sentir perdida quando o inevitável acontecesse; queria que decidisse com antecedência o que fazer com a casa, como tencionava reorganizar a sua vida. Até essa tarde, quando Lídia, por fim, se levantou junto da cama de Vince, existia ainda uma certa esperança, por muito irracional que fosse.

O dia de trabalho terminou nos escritórios, e as ruas encheram-se de pessoas. Acelerou o passo, pois não queria encontrar-se com ninguém conhecido. Observou os transeuntes. No rosto dos que regressavam a casa, reflectia-se uma espécie de determinação, uma alegria forçada. Ninguém andava devagar ou passeava, todos se apressavam no caminho para casa. As lojas estavam repletas de clientes, ouvia-se o choro de crianças, o trânsito intensificava-se e os faróis dos carros brilhavam. De repente, sentiu inveja daquela pressa, daquela precipitação à qual nunca dera particular atenção: todas aquelas pessoas tinham alguém à sua espera. Mas por ela ninguém esperava, excepto *Kapitány*.

Escondeu o rosto na aba do casaco, fixando o olhar à sua frente, para não ter de cumprimentar ninguém. Começou a chover; era uma chuva miudinha, penetrante, na realidade não era chuva, apenas chuvisco. O passeio de repente ganhou brilho, as janelas ficaram embaciadas. Sentia a humidade no rosto, na testa, na pele, mas nenhuma gota caiu aos seus pés. «Chuva invisível», assim lhe chamava Vince. A boca do dragão do tubo de queda estava seca, como se estivesse a sufocar. Felizmente, Kolman não estava na rua, em frente da sua loja, por isso não teve de parar para conversar com ele.

A primeira coisa em que reparou sob o alpendre foi *Kapitány*. Desviou o olhar e apoiou-se na mesa de palha que, desde o Outono até à Primavera, permanecia na entrada em arco. A sua preocupação era exagerada. *Kapitány* não lhe ligava, não queria mimos. Não sabia bem se deveria ficar contente ou não por o animal não pressentir a sua dor. Iza tinha razão, *Kapitány* era um pouco tolo.

Agora já estava sozinha. Pela primeira vez desde essa manhã, estava completamente sozinha.

Podia relaxar, apoiar-se no braço da cadeira de palha e meditar sobre a sua vida futura. Não tinha vontade nenhuma de entrar em casa, tinha medo da noite, das duas camas, uma delas tornara-se definitivamente inútil. Claro que não podia ficar ali sentada para sempre; mais cedo ou mais tarde, tinha de entrar. Naquele momento ou meia hora depois, que importância tinha isso! Levantou-se e dirigiu-se ao jardim, mas de repente parou: a luz do quarto de dormir acabara de acender-se.

Não foi pânico o que sentiu, foi uma coisa diferente. Voltou a sentar-se na cadeira, pôs o saco no chão e observou a janela iluminada. A luz que vinha do interior era muito mais real do que o enigmático rosto de Vince pouco tempo antes. Talvez fosse aquela



a realidade: a luz acesa dentro de casa. Nada daquilo que tinha sucedido nos últimos meses era verdade: Vince estava vivo; os acontecimentos dessa tarde e das últimas onze semanas, o corpo estendido de Vince, tão vazio como se se tivesse convertido num receptáculo da morte, tudo isso não passava de um pesadelo. A realidade era o seu marido saudável, um pouco mais corpulento mas sempre cómico, que nunca tinha estado doente, esperando por ela em casa. O resto nunca acontecera.

Sentia-se mais fraca do que em qualquer outro momento da tarde. Fechou os olhos e deixou a cabeça inclinar-se para trás. O jardim, apesar de não ter folhas, parecia sussurrar. «Deviam ser os melros», pensou. Se calhar não eram os melros. A luz estava acesa. Pouco importava o que agora estivesse a sussurrar, anjos, melros ou nuvens!

Quando levantou a cabeça, a janela estava novamente escura. O desespero invadiu-a de tal maneira que já não tinha forças para chorar. Apoiou os cotovelos nas coxas e escondeu o rosto entre as mãos. O barulho tinha parado; não se ouvia nenhum som, era como se estivesse paralisada num meio afónico. Momentos depois, o portão abriu com um rangido e Iza surgiu na entrada.

Após a morte do marido, um juiz afastado do cargo por motivos políticos, Etelka deixa a sua casa na província e muda-se para o apartamento da filha na moderna e buliçosa Budapeste dos anos pós-Segunda Guerra Mundial. Iza, uma médica respeitada, diligente e militante como o pai, organiza a vida da mãe até ao último pormenor, procurando eliminar quaisquer vestígios do passado e da sua dor. No entanto, arredada de todas as tarefas e decisões, a frágil e nostálgica Etelka vê-se encurralada numa espécie de não-existência, silenciosa e solitária. O amor de Iza controla o seu destino, tal como o de todos os que a rodeiam, alheio às consequências últimas dos seus veredictos.

Retrato da relação entre mãe e filha, crónica complexa de um desenraizamento, *A Balada de Iza* é igualmente a descrição fiel de uma sociedade húngara sob o peso do estalinismo.

«Uma reflexão dolorosa sobre a dificuldade de amar e de compreender o outro, sobre a intrínseca solidão humana.»

**L'Obs**

ISBN 978-989-668-816-5  
9 789896 688165



cavalo de ferro